

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

GÊNERO E A CONSTRUÇÃO DA RAÇA NA IMPRENSA NEGRA PAULISTANA (1907-1929)¹

Bianca Amorim

Mestranda em Educação da Universidade de São Paulo - USP

bolinhocaipira@usp.br

RESUMO

Este trabalho investiga algumas das diferentes formas como as mulheres negras apareciam na Imprensa Negra paulistana no início do século XX. Considerando que a adesão a papéis de gênero estritamente delimitados era considerada uma forma importante de combate ao racismo por esses periódicos, comparamos o comportamento feminino idealizado pelos escritores e editores homens dos jornais e o papel das mulheres como articuladoras e organizadoras dos espaços sociais dos quais esses periódicos dependiam para sua circulação.

Palavras-chave: imprensa negra paulistana; mulheres negras; século XX.

ABSTRACT

This paper aims to investigate some of the different frames through which Black Women appear in the Black Press printed in São Paulo city in the first decades of the 20th Century. The assimilation of the strict gender roles was considered an important strategy against racism by the editors of those newspapers; therefore, we compare how the male writers depicted the idealized behavior women they expected women to display and the actual role played by women, as organizers of the social spaces these very same newspapers depended to exist.

Keywords: Black press in São Paulo; Black women; early XX century.

INTRODUÇÃO

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Neste trabalho pretendo abordar um dos aspectos que apontam para como as relações de gênero nas páginas da imprensa negra atuaram na construção de uma identidade racial no início do século XX. Aqui, abordo exclusivamente a relação entre o comportamento esperado das mulheres negras, em especial com relação ao mundo do trabalho e uma das formas como essas mulheres aparecem nesses jornais que não pelo discurso normativo dos homens: como organizadoras de atividades das sociedades recreativas. Essa oposição nos permite um vislumbre das diferenças entre as formas como as mulheres estavam efetivamente inseridas e atuantes, tanto na sociedade quanto no meio negro, e das formas que os redatores dos jornais gostariam que essas mulheres atuassem.

Esta breve análise é uma parte da minha pesquisa de mestrado. Durante o seu desenvolvimento, analisei as edições dos jornais da Imprensa Negra paulistana publicadas entre 1907 e 1929. Com exceção d'O Clarim d'Alvorada, que também é editado durante a década de 1930, a última edição que encontrei de todas as demais séries foram publicadas até 1929, como informa a Tabela 1.

Periódico	Data da Primeira Edição Encontrada	Data da Última Edição Encontrada	Total	Repositório
O Propugnador	06/10/1907	06/10/1907	1	APESP
Menelik	17/10/1915	17/02/1917	4	BN
A Rua	24/02/1916	24/02/1916	1	BN e IEB
O Xauter	16/05/1916	16/05/1916	1	BN
O Bandeirante	08/01/1918	04/01/1919	3	BN e APESP
O Alfinete	03/09/1918	1921	9	BN e APESP
A Liberdade	14/07/1919	31/10/1920	13	BN e APESP
A Sentinella	10/10/1920	10/10/1920	1	BN e IEB
Kosmos	08/1922	25/01/1925	21	BN
Clarim d'Alvorada	06/01/1924	24/11/1929	54	IEB e CEDIC

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Elite	20/01/1924	02/03/1924	3	BN e IEB
Auriverde	08/04/1928	13/05/1928	4	BN, IEB e APESP
O Progresso	23/06/1928	12/1929	18	IEB

Tabela 1: Fontes analisadas.

As datas, tanto da primeira quanto última edição informadas na tabela acima, não correspondem necessariamente a jornais *publicados*, pois não possuímos esses dados, e sim àquelas encontradas nos repositórios consultados. Isso também reflete no número das edições encontradas: nem sempre começamos nossa análise do *primeiro* número publicado. Assim, nossa análise pode ter iniciado nos números 1, 2 ou mesmo 3, como é o caso dos jornais *A Rua* e *Kosmos*. Desta forma, é necessário cautela antes de tirar conclusões quanto às séries compostas por uma única edição, pois essas edições não necessariamente correspondem a um primeiro e único exemplar.

Esta discrepância entre a ordem das edições e a quantidade de jornais encontrados também pode ser verificada nas séries mais longas. Gostaria de destacar aqui o caso particular das duas séries *O Menelik* e *O Alfinete*. O jornal *O Menelik* possui elencado um total de quatro edições preservadas, contudo, o número da última edição encontrada é 14. Por sua vez, *O Alfinete* possui um total de nove edições preservadas, conforme a coluna "Total" da tabela, contudo, a última edição encontrada é a 77. Portanto, entendemos que isto não nos aponta para uma irregularidade na produção desses periódicos, e sim para uma irregularidade na *preservação* deste material.

O ano de 1907, escolhido como primeira baliza do recorte temporal da pesquisa, é o ano em que encontrei as primeiras menções nominais a mulheres na Imprensa Negra. Neste ano, o jornal *O Propugnador* menciona nominalmente a "Ex.mil Snr.a D, Albertina de Menezes, dotada d'um coração magnanimo e amabilissimo, ensina com o sorriso nos lábios" (EGREJA do Rozario, 1907, p. 4), professora de curso oferecido na Igreja de Nossa Senhora do Rosário pela irmandade homônima; e D. Maria Deolinda de Jesus, descrita em sua necrologia como "a virtuosa esposa de Malaquias Oliviveira dos Santos" (NECROLOGIA, idem), amigo dos redatores do periódico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Gostaria aqui de enfatizar o fato de ser a primeira menção nominal *encontrada*: não posso de maneira alguma através das fontes que analiso afirmar a inexistência da atuação de mulheres em outros veículos da Imprensa Negra publicados em momentos anteriores a esta data, e tampouco é este o escopo da pesquisa: me restrinjo a suas representações e participações nas páginas dos periódicos. Assim, trabalho com as informações que podem ser obtidas dentro das significativas limitações desta abordagem.

Por sua vez, o marco final do recorte é o ano de 1929, um tanto menos orgânico às fontes. Entretanto, assim foi escolhido pois "[n]a década de 1930, sob um regime nacionalista, os intelectuais brancos e negros ajudaram atornar a ideia do Brasil como uma nação orgulhosamente misturada racial e culturalmente o ponto central de novas definições da identidade nacional [...]" (ALBERTO, 2017, p. 24). Entendo que esta mudança, tanto no discurso oficial quanto nas políticas do governo Vargas impactam diretamente a atuação dos jornais, enquanto instrumento de atuação de um movimento negro. Algumas dessas mudanças, no que concerte a linha editorial dos jornais, podem ser vislumbradas ainda nas publicações da segunda metade da década de 1920, em especial dos exemplares da autodeclarada Segunda Fase d'*O Clarim da Alvorada*.

Esse recorte temporal abrange o que Bastide (1973), Ferrara (1986), e Balsalobre (2010) denominam Primeira e Segunda Fases da Imprensa Negra Paulista. A primeira fase, englobada na totalidade do período temporal demarcado por estes autores, consiste em um momento no qual as linhas editoriais dos periódicos seriam voltadas fundamentalmente para acontecimentos da vida social, sendo caracterizado portanto como um período pedagógico, no qual as ações dos jornais seriam voltadas para a educação de hábitos e costumes. O caráter pedagógico dessa fase, e sua caracterização como uma fase de reivindicações jornalísticas apenas (BASTIDE, 1973, pp. 131-2) tornariam diminuto, ou mesmo inexistente, seu caráter político. O recorte também abrange o início do período que esses autores classificam como pertencendo à Segunda Fase, na qual os jornais se tornariam "mais politizados", em detrimento de seu caráter pedagógico e organizativo.

Contudo, sendo este trabalho desenvolvido na área de História da Educação, é imprescindível discordar desses autores no que diz respeito à oposição do pedagógico

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ao do político ou que o caráter pedagógico da Primeira Fase reduza ou seja um demérito ao caráter político dos jornais da Imprensa Negra. Pelo contrário, entendo que o caráter pedagógico das folhas é a principal ferramenta de sua atuação política neste momento.

Embora realizado anos mais tarde do que o período abordado neste trabalho, um dos entrevistados por Virgínia Leone Bicudo suscita uma reflexão sobre a relação de dependência material entre negros e brancos na primeira metade do século XX:

Tenho modo de pensar diferente do preto, em geral, que acha que é necessário reagir contra o branco. O meu argumento é o seguinte: você é motorista de tal família e sua mulher empregada doméstica; você reage, e depois como sustentar seus filhos? Acho que é condição do negro só poderá melhorar pela divulgação da instrução entre eles. (Nº 8, apud BICUDO, 2010 [1945], p. 75)

Esta reflexão suporta a análise de Paulina Alberto (2017 [2011]), segundo a qual os editores e redatores desses jornais

estavam constantemente negociando suposições sobre seu próprio caráter que refletiam os preconceitos mais amplos contra os negros [...] Ao optarem por combater o racismo com um comportamento exemplar em vez do uso de palavras de confronto, e ao tentarem conquistar a "amizade" e a simpatia dos brancos, mesmo em face da discriminação, esses autores não estavam se rendendo a pressões conformistas nem de assimilação. Eles estavam procurando combater o racismo da forma como eles o sentiam durante a República — não através da lei, mas como "dogmas" sobre inferioridade racial e cultural que condicionavam suas relações pessoais com colegas, familiares ou patrões brancos (p. 55-6).

Como parte desta tática de combate ao racismo pela conquista da simpatia do branco e pela divulgação da instrução e do bom comportamento entre os negros, encontramos a exortação dos redatores e editores dos periódicos em defesa de um comportamento feminino considerado exemplar, e o reforço de papéis de gênero rígidos. Porém, é possível depreender da análise dos próprios jornais, que a realidade das mulheres por muitas vezes era muito diferente daquela que certos redatores e editores concebiam como desejável.

O COMPORTAMENTO FEMININO IDEALIZADO

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Paulina Alberto (2017 [2011]) também escreve sobre a importância que os redatores e editores dos jornais davam ao papel das mulheres para que a tática de combate ao racismo que defendiam fosse bem-sucedida:

Em seus editoriais exortativos, os escritores deixaram claro que as normas de gênero eram fundamentais para as demonstrações de aptidão para a cidadania, tanto a paulista como a brasileira. Como em outras áreas de seu comportamento, os líderes da "classe" baseavam seus ideais de masculinidade e feminilidade nos padrões da sociedade burguesa contemporânea. Mas como acontecia com valores como educação e patriotismo, as ideias sobre gênero, e sobre honra masculina e feminina em particular, tinha um significado especial para os afrodescendentes que procuravam dissipar as ideias amplamente difundidas sobre sua suposta "aniquilação moral" [...] (ALBERTO, 2017, p. 60).

Um desses editoriais exortativos a que a autora se refere pode ser encontrado no *Elite* número 4, de março de 1924, intitulado "É por aqui...". Neste texto, o autor afirma que "[a]s linhas physionomicas de cada individuo nada mais lhes são do que, da sua alma, o proprio reflexo" (p. 1), argumento que embasa e conduz seu raciocínio sobre como deve se portar a mulher negra. Um pouco mais adiante o autor explicita a razão pela qual está abordando o comportamento feminino naquele espaço. A mulher, de forma genérica, é considerada por ele como "a base fundamental por sobre que se constrói a sociedade por todos os tempos" (idem).

É, então, introduzida a figura por assim denominada "pretinha":

Assim, de olhos fechados, peguemos de uma dessas humildes creaturas que os nossos costumes cognominaram de pretinhas. É sempre uma victima de pobreza servil. O pecado, já hereditario dos paes, original como diriam os textos sagrados da Escripura, (faço aqui uma comparação ironica entre o peccado de Adão e a culpa do escravo em ser escravo) a fez analphabeta ou quasi isso. Apesar do anunciado, lhe dorme latente no recôndito d'alma um sentimento de affectuosíssima docilidade. Ama, como mulher, até o mais cruel dos sacrificios e, não reconhecendo os homens com os seus defeitos e aberrações, atravez da sciencia dos livros, não raro se precipita, por eles até o mais baixo nível da lama (ibid.).

Motivada pela necessidade de subsistência e por sua escassa formação, a "pretinha" passa a trabalhar em funções de pouco prestígio, que demandam esforço físico que o autor considera incompatíveis com o frágil físico feminino. Assim, essas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

jovens se tornam "espantalhos", no sentido físico e psicológico de sua aparência. Por esta razão, nos informa o autor, essas mulheres passam a ser vistas por todos em sentido pejorativo como "a negra" de "expressão dura" causada por um "coração endurecido pelo rancor". As ocupações desempenhadas por estas "pretinhas"? Funções essencialmente associadas ao universo feminino: lavar, engomar, cozinhar, trabalhar como enceradeira ou copeira.

O texto, antes de partir para sua conclusão, exorta aos pais e, em especial os "moços que têm irmãs pretinhas", para que não debochem desta figura, pois elas refletem o caráter da "elevação moral" dos negros, mas alerta para que façam ao contrário: zelem por esta figura incentivando sua educação. Com certo tom otimista, o autor compara a figura da "pretinha" a outras mocinhas, "typos perfeitos esmerilhados por uma educação ainda que rudimentar, que vão preenchendo soffrivelmente o vacuo enorme da nossa escala social" (ibid.). Essas mocinhas, então, usariam trajes modestos, que o autor considera consequência de um senso estético desenvolvido por uma melhor educação e não trabalham em funções que demandam esforço físico. Como consequência desta mudança de hábitos gerada por uma melhora na educação da jovem mulher negra, "[o]s espantalhos vão cedendo lugar ás frágeis creaturas de elegante perfil e doce sorriso" (ibid.). O autor conclui seu texto insistindo na responsabilidade dos pais sobre a educação das filhas e no poder transformativo da educação, afinal esta "frutifica em qualquer terreno. Bem hajam os paes que legarem tal thezouro às suas filhinhas prestando, desse modo, enorme benefício á classe" (ibid.).

Ao observar atentamente as afirmações deste autor, é possível notar que ele, em momento algum, afirma categoricamente que as mocinhas *deixaram* de trabalhar, embora essa seja uma leitura possível. Contudo, ao se comparar um indício das fontes que é apresentado em outro momento, na edição 20 d'*O Kosmos*, publicada em 1924, uma outra perspectiva para esta questão se apresenta. Neste exemplar, no espaço reservado às questões da vida social, há uma coluna denominada "Exame" (pp. 3-4), a qual elenca as disciplinas em que uma jovem chamada Durvalina Baptista foi aprovada na Escola de Commercio e Preparatorios, obtendo grau em Dactylographya, Portuguez e Correspondencia. De acordo com Pinto (2018, p. 146), desde o final do século XIX, as mulheres ocupam posições profissionais no magistério, comércio, artes, enfermagem e,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nesse momento do início do século XX, começam também a acessar cargos no setor de serviços, no qual se encaixa as formações de Durvalina.

Colocadas estas possibilidades, é preciso indagar se o autor do editorial "É por ahi..." está defendendo que as jovens negras que são educadas para formar "mocinhas cuja presença agrada aos mais rígidos annalystas" (É POR ahi..., 1924, p. 1) o sejam para desempenhar o papel de esposa-mãe-dona-de-casa que recaía sobre as mulheres urbanas neste período (RAGO, 1985, p. 62), ou para que seus modos e inteligência agradassem aos patrões brancos, permitindo assim uma ascensão dessas mocinhas na escala social.

Por fim, neste breve exame, resta a questão da aparência física. Não me aprofundarei aqui na questão da beleza feminina como uma importante tática de defesa do orgulho da "classe dos homens de côr" — termo pelo qual estes sujeitos se referiam a seu próprio grupo. Contudo, creio necessário destacar aqui o uso de elementos do discurso médico eugenista que o autor faz em seu texto. Este discurso associava deformações corporais a indivíduos que se dedicavam a trabalhos de grande demanda física, e seu oposto, a delicadeza, a pureza de raça (MULLER, 2014, p. 76); porém, ao mesmo tempo o autor subverte a ideia de imutabilidade das características negativas que tal discurso carrega. Ele não discorda que as tarefas que exigem esforço físico alteram as aparências das mulheres; mas se esta mudança ocorre de acordo com as ocupações trabalhistas desempenhadas pelas mulheres, a solução desta questão não deve ser determinada pela raça, mas sim pelos cargos ocupados por estas mulheres, o que pode ser solucionado com uma melhor educação para elas, de forma que não estejam restritas a desempenhar funções de trabalho braçal pela necessidade de subsistência.

MULHERES ORGANIZADORAS DA VIDA SOCIAL

Por outro lado, os jornais também nos permitem entrever a participação das mulheres negras nos espaços sociais. Seu papel como distribuidoras das folhas é destacado vez ou outra por alguns periódicos, que agradecem sua atuação como vendedoras das folhas nos bailes e festas das sociedades recreativas. Estes espaços eram fundamentais para a circulação dos jornais e sua boa aceitação pelas sociedades era

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

essencial, nas primeiras décadas do século XX, para que o periódico alcançasse seu público no meio negro e tivesse condições materiais de sobreviver (LEITE; CUTI, 1992).

Contudo, no espaço social, as mulheres não atuavam apenas como facilitadoras da circulação dos jornais. Muitas mulheres atuavam também na organização das sociedades recreativas, fosse como diretoras do quadro de damas das sociedades recreativas mistas — cuja diretoria principal era composta exclusivamente por homens—, ou como organizadoras e diretoras de sociedades e grupos *de damas*. Apesar de denominados "de damas", estes grupos não eram exclusivos, nem organizavam atividades somente para mulheres. Entretanto, eram liderados por presidências e diretorias compostas por mulheres, nas quais os homens desempenhavam papéis coadjuvantes ou de tutoria. Nos jornais há três sociedades dirigidas por mulheres mencionadas com mais frequência: a Brinco de Princesa, o Grêmio de Damas Elite Flor da Liberdade e o Grupo Recreativo das Margaridas.

A Elite Flor da Liberdade, aparece com bastante frequência nos jornais em razão dos eventos que promove. Na edição 6 d'*O Kosmos*, de 1922, esta sociedade recebe os parabéns pelos estatutos que serão registrados em breve e francos elogios em virtude da atuação de seus representantes *homens*:

Continua merecendo francos elogios dos senhores frequentadores, os ensaios dansantes desta *sympathica* sociedade, dirigida por distintas senhoritas e sobre a profícua orientação dos seus representantes; os srs. José de Moura Marcondes, Mario Franco e Joaquim Domingues. Constando, que os seus estatutos em breve vae ser registrado; passando a "Elite" pertencer no ról das sociedades perfeitas e legalizadas (SOCIAES, 1922, p. 4).

Aponto aqui que a atuação dos tutores homens da diretoria é considerada pelo jornal como profícua, e estes homens são elencados nominalmente para serem cumprimentados. Ao contrário, as diretoras, por sua vez, permanecem anônimas apenas sob a qualificação de serem distintas senhoritas.

Apesar da simpatia que estes redatores d'*O Kosmos* nutriam pela Elite Flor da Liberdade, esta sociedade desaparece para dar origem à sociedade mista Elite da Liberdade, como informam seus estatutos localizados no Arquivo Público do Estado de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

São Paulo. É a esta sociedade Elite da Liberdade que está vinculado o periódico *Elite*, que publicou o editorial que apresentei anteriormente neste trabalho.

Por outro lado, A Brinco de Princeza nem sempre desfruta de simpatia em suas aparições nos jornais. Esta sociedade é descrita como sociedade de damas pela primeira vez em 1919, na edição 10 d'A *Liberdade*. Embora apareça em edições anteriores em virtude dos eventos que promove, essas aparições não trazem a informação de que se trata ali de uma sociedade organizada por mulheres. É possível supor que o fato de ser uma sociedade de damas fosse informação conhecida, especialmente pela sociedade possuir como nome um objeto tão associado ao feminino e fosse dispensada pelos redatores por considerarem a informação redundante ou pouco relevante. Porém, esta sociedade apenas aparece descrita como organizada por mulheres quando o jornal noticia sucessivas confusões que a desprestigiam:

A sociedade acima, é uma sociedade de damas, cada uma vive de seus trabalhos, escolheu as segundas-feiras para dar os seus ensaios, [...] acontece que depois de tanto tempo de paz e harmonia, a directoria se viu obrigada a suspender duas damas muito conhecida de nosso meio social e jogar na rua de vez e tal geginho.

A Directoria que pensava estar socegada da tal fita que usam muito em salão, acontece outra no dia 8, dia este que a directoria resolveu prolongar o ensaio até mais tarde, o que não foi avante devido a desordem que ali se deu. [...]

A Directoria do Brinco de Princeza, em sua reunião mandou suspender dois directores por um certo tempo quando deveriam eliminá-los para dar bom exemplo para as outras sociedades, de maneiras que estas suspensões só podem prejudicar, atraz destas vem outras, sómente porque um dos suspensos não tem compostura devida.

Ahi fica. (NOTICIARIO, 1919, p. 2)

Curiosamente, é justamente nesse contexto de conflitos internos e distribuição de punições as quais o redator parece considerar insuficientes, que a Brinco é caracterizada como uma sociedade organizada por mulheres *trabalhadoras* — e não distintas senhoritas. Correia Leite, em seu depoimento a Cuti, revela qual era a ocupação das diretoras da Brinco: cozinheiras de forno e fogão em casas de família, profissão notadamente de baixo prestígio, tanto na sociedade quanto no interior do meio negro. Profissão que, cinco anos mais tarde, seria apontada pelo jornal *Elite* como responsável por transformar mulheres negras em "espantalhos" pelo trabalho físico que demanda.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Após esse episódio, a Brinco de Princeza continua a aparecer de maneira intermitente nas diferentes séries de periódicos. Em 1928, essa sociedade volta a ser destaque em um dos jornais no espaço reservado para a vida social, mas dessa vez de maneira positiva: o redator d'*O Progresso* elogia a Brinco tanto por sua longevidade quanto pela qualidade de seus eventos. O elogio pela longevidade se justifica: essa edição d'*O Progresso* é publicada quase dez anos depois daquela d'*A Liberdade*, que descreveu a Brinco de Princeza pela primeira vez como uma sociedade dirigida por mulheres trabalhadoras. Interessante notar que a Brinco de Princeza superou e, em muitos anos, a longevidade do jornal *A Liberdade*, do qual a última edição encontrada data de 1920 e que, em 1922, viria a ser definitivamente substituído pelo *O Kosmos*.

Neste contexto, em que muitos periódicos e sociedades recreativas tinham vida curta, que a Brinco de Princeza, uma associação organizada por mulheres negras, trabalhadoras, que exerciam uma ocupação que não desfrutava de alto prestígio mesmo entre seus pares, seja tão longeva e tenha a qualidade dos eventos que promove publicamente reconhecidos é bastante significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta breve demonstração, busquei visibilizar que, mesmo em universos dominados por homens, como os periódicos da Imprensa Negra e os ambientes de sociabilidade aos quais se vinculavam, as mulheres negras se faziam presentes. Estas mulheres não eram apenas frequentadoras desses espaços, mas eram participantes ativas em sua construção. E, em um contexto no qual a vida social era relevante a ponto de pautar toda uma imprensa, quis destacar que mulheres trabalhadoras em posições que os colonistas dos jornais consideravam de pouco prestígio eram protagonistas importantes na criação deste universo do qual os jornais eram dependentes neste início de século.

Por outro lado, também busquei destacar as tensões e contradições dentro da própria Imprensa Negra no que concerne aos papéis idealizados das mulheres como tática de combate ao racismo e a realidade dessas mulheres através dos indícios que as fontes fornecem. Aqui, não apenas o gênero impactava no maior ou menor reconhecimento que os periódicos davam às diferentes sociedades do meio negro, mas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

também o prestígio social das profissões ocupadas. No que tange este aspecto, ousou supor que esta divergência entre o comportamento idealizado das mulheres e sua realidade material seja, em parte, a responsável pelo espaço reduzido dado a uma das sociedades recreativas mais longevas que encontrei pesquisando estes periódicos, justamente por esta sociedade ser dirigida por mulheres, trabalhadoras, cozinheiras de forno e fogão.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão:** intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

BALSALOBRE, Sabrina. **Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista:** um olhar sobre as formas de tratamento. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra do Estado de São Paulo. In: **Estudos Afro-Brasileiros**, Perspectiva, São Paulo, 1973.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. **Negrinhos que por ahi andão:** a escolarização da população negra em São Paulo (1870-1920). 2005. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Org.). **A História da Educação dos Negros no Brasil.** Niterói: Eduff, 2016.

CORTES, Giovana Xavier da Conceição. **"Leitoras":** gênero, raça, imagem e discurso em O Menelik (São Paulo, 1915-1916). Afro-Ásia, Salvador, n. 46, p. 163-191, 2012.

CORTES, Giovana Xavier da Conceição. **Esculpindo a "Nova Mulher Negra":** feminilidade e respeitabilidade nos escritos de algumas representantes da raça nos EUA(1895-1904). Cadernos Pagu. 2013, n.40, pp. 255-287.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CORTES, Giovana Xavier da Conceição. **Segredos de penteadeira:** conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA. Estudos históricos, Rio de Janeiro, 2013, v. 26, n. 52, pp. 429-450.

DOMINGUES, Petrônio. **Os clubes e bailes blacks de São Paulo no pós-abolição:** notas de pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXV, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

DOMINGUES, Petrônio. **O recinto sagrado.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 9, n. 138, p.963-994, set/dez, 2009.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963).** São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

LEITE, José Correia; CUTI [Luiz Silva]. **...E disse o velho militante José Correia Leite.** São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República. **Interfaces da Educação,** Paranaíba, v.5, n.14, 2014, pp. 68-81.

NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. **Além de senzalas e fábricas:** uma história social do trabalho. Tempo Social: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 18, n. 1, p.217-240, 2006.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta:** a imprensa negra do século XIX (1833-1899). 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - UnB, Brasília, 2006.

PINTO, Rebeca Natacha de Oliveira. **Aracy Cortes em Revistas:** educação, gênero e práticas educativas difusas no Rio de Janeiro da Primeira República. 2018. 1 v. Tese (Doutorado em Educação) - UFF, Niterói, 2018. 135 p.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-

1

9

3

0

.